

SIMON SCARROW  
E T. J. ANDREWS



# INVASOR

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Para E. G.*

BRITÂNIA 44 d.C.



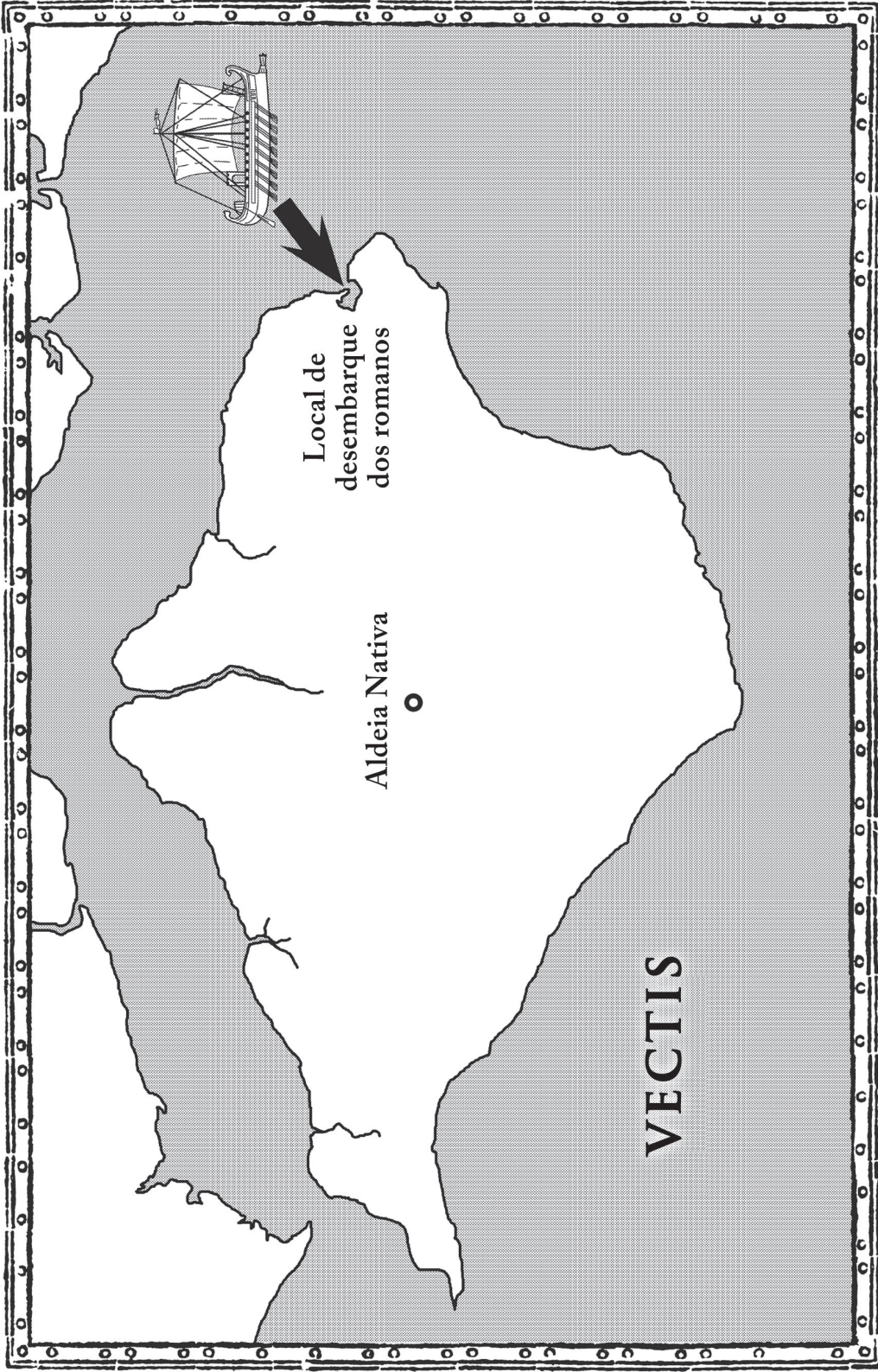
Calleva

Rutupiae

Lindinis

Noviomagus

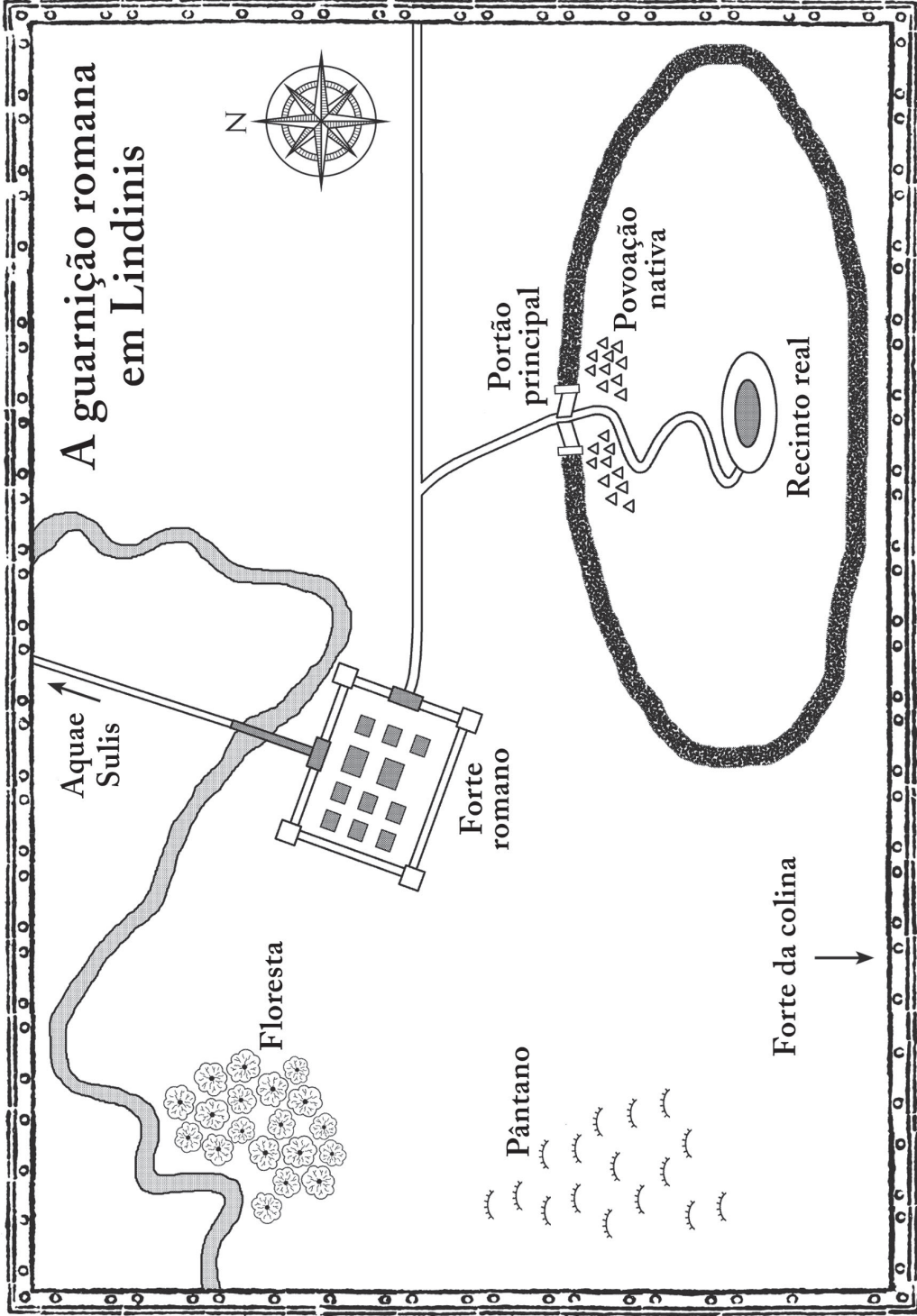
VECTIS



Local de  
desembarque  
dos romanos

Aldeia Nativa

VECTIS



# CADEIA DE COMANDO DA AUGUSTA II LEGIÃO



Legado  
Lúcio Eliano Celer

↓  
Tribuno militar

↓  
Tribunos juniores

↙  
Centurião Ocella

↘  
59 outras centúrias  
organizadas  
em 10 coortes  
de 6 centúrias

↓  
Optio Figulo

↓  
80 Legionários

# LISTA DE PERSONAGENS

## II Legião

Legado Lúcio Eliano Celer  
Prefeito Quinto Silano  
Tribunos: Aulo Vitélio, Palino  
Centuriões: Ocella, Scrofa, Mergo, Minúcio

### *Destacamento da Sexta Centúria da Quinta Coorte*

Optio Horácio Figulo  
Legionários: Tito Terêncio Rulo, Gaio Árrio Helva, Sexto Pórcio Blésio,  
Décimo Artório Vatia, Pulcher

### *Coorte bataviana em Lindinis*

Prefeito Tito Cosconiano  
Centuriões: Tuditano, Vespilo, Ambusto

## Durotriges

Trenagasmus, *um rei exilado, leal a Roma*  
Ancasta, *a filha do rei*  
Sediacus, *um nobre ancião*  
Bellicanus, *membro do círculo íntimo do rei*  
Andocommius, *um feroz guerreiro*  
Petrax, *um guerreiro em tempos ao serviço dos druidas*  
Calumus, *líder dos druidas da Lua Negra*  
Quenatacus, *um chefe tribal rebelde*

## Outros

Numério Scylla, *enviado imperial com uma missão na Britânia*  
Cetego, *um soldado romano já reformado*  
Cogidubnus, *rei da tribo dos regnos*  
Magadubnus, *um batedor nativo*  
Brigotinus, *chefe de aldeia na ilha de Vectis*

# 1

*Calleva, inverno de 44 d.C.*

Uma revoada de vento frio correu pela tenda instalada perto do quartel-general quando o novo legado da Segunda Legião atravessou com brusquidão a aba que protegia a entrada.

— Atenção, todos de pé! — soltou o prefeito do campo, dirigindo-se aos oficiais acomodados no interior. — Chegou o legado.

Os oficiais calaram-se e levantaram-se imediatamente dos bancos que ocupavam, colocando-se em sentido enquanto o legado passava por eles. Lúcio Eliano Celer acenou ao prefeito do campo, com as maçãs do rosto ainda a picarem por causa do frio ar da noite. Tinha chegado havia pouco de Roma para assumir o comando da legião, e para ele as miseráveis condições da ilha tinham sido um choque. A cada dia que passava, dava por si a suspirar pelo apetecido calor da sua Campânia natal. Depois de sacudir o frio, Celer aproximou-se de um mapa em pele, suspenso de uma estrutura de madeira, à frente das filas de oficiais ali reunidos. Um tribuno júnior, de pé ao lado do mapa, deu um passo em frente e entregou-lhe uma curta vareta de madeira. Celer olhou mais uma vez para o prefeito do campo e endireitou as costas.

— Obrigado, Quinto Silano — ao que o prefeito acenou, à laia de reconhecimento. Celer virou-se para os oficiais e dirigiu-se a eles com a sua sedosa voz de aristocrata. — Senhores, à vontade.

Enquanto se sentavam, pairava um silêncio desconfortável sobre os homens ali reunidos. Mesmo à fraca luz das lamparinas de azeite, Celer conseguia descortinar a ansiedade estampada nos rostos. Tinha passado menos de um mês desde que a Segunda Legião, sob o comando de Vespasiano, o seu antecessor no cargo, derrotara Carátaco, rei dos catuvelaunos e líder das tribos nativas que tinham escolhido resistir aos invasores romanos. Ao fim de uma longa e sangrenta campanha, Vespasiano conseguira por fim derrotar o exército de Carátaco numa brutal batalha em linha. A vitória fora conseguida a um elevado preço, já que a Segunda Legião tinha sofrido pesadas baixas, e Carátaco escapara aos seus captores. Estava-se no fim da época de campanha, o inverno



aproximava-se, e os soldados iam passar os próximos meses acantonados na fortaleza militar, até que a primavera trouxesse uma nova campanha. Celer limpou a garganta.

— A noite está fria, senhores, portanto vou ser breve — declarou. — Ao longo do último mês, temos recebido numerosos relatórios sobre ataques às nossas posições no Sul. Tem havido emboscadas a patrulhas, fortes arrasados de alto a baixo, e depósitos de abastecimentos navais saqueados. Não estamos a falar de assaltos de ocasião, aqui e ali, mas de uma campanha de ataques bem coordenados. A situação é tão grave que, ao que parece, até os mercadores gregos se estão a recusar a conduzir os seus negócios no exterior dos campos de legionários. — Esta menção provocou uma risada abafada na audiência. Celer fez uma pausa e deixou escapar um levíssimo sorriso, antes de prosseguir. — Sei bem que alguns de nós tinham a esperança de que a derrota de Carátaco pudesse trazer a paz a esta desgraçada terra. Porém, depois da sua fuga, parece que os nossos inimigos redescobriram a coragem. Os durotriges escolheram redobrar a resistência ao nosso inevitável domínio. O meu ilustre antecessor, Vespasiano, pode bem ter conquistado o território, mas não conseguiu de todo dominá-lo... um fracasso que tenciono corrigir.

Celer virou-se para o mapa, onde se via uma representação da extensa região do Sul da Britânia que em teoria estava sob controlo romano, e que se estendia de leste, da base naval de Rutupiae, ao longo do curso do rio Tamesis, passando por Calleva, até à orla da região montanhosa a oeste. O legado acenou na direção do mapa.

— As nossas informações indicam que estes ataques são obra de guerreiros durotriges, que operam a partir da ilha de Vectis. — Apontou com a vareta para uma ilha em forma de cunha, situada a poucos quilómetros a sul da costa. — Durante a veloz campanha do Vespasiano através do seu território no verão passado, um significativo número de elementos do inimigo conseguiu escapar das suas colinas fortificadas. Na sua pressa de avançar para oeste, todavia, o Vespasiano esqueceu-se de voltar atrás e tratar dessa corja, permitindo-lhes assim recuar em segurança para Vectis.

Celer voltou-se novamente para os oficiais e agarrou a vareta com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Continuou.

— A partir da sua base em Vectis, o inimigo tem sido capaz de lançar vagas sucessivas de ataques e de retirar para a ilha antes que as nossas forças os possam enfrentar de forma eficaz. Senhores, é vital que subjuguemos Vectis de uma vez por todas, e que possamos, assim, impedir os durotriges de usar a

ilha como base para atacar as nossas linhas de abastecimento ao longo da costa. Então, amanhã pela alvorada, a Quinta, a Sexta, a Sétima e a Nona Coortes seguirão para o porto naval a oeste de Noviomagus Regnorum. No preciso momento em que falamos, uma dúzia de galeras e navios de abastecimento da esquadra da Britânia dirigem-se ao porto, vindos de Rutupiae. Assim que os nossos homens chegarem à costa, embarcarão, os abastecimentos serão colocados a bordo, e avançaremos sobre Vectis.

Entre os oficiais espalharam-se murmúrios, perante a perspectiva de terem de voltar a combater tão próximo dos frios e amargos meses de inverno. Alguns trocaram olhares desalentados. Outros, nas filas de trás, resmungaram para si mesmos. Celer não se deixou afetar pelas manifestações. Levantou uma mão, e rapidamente a assembleia serenou.

— Felizmente, Fortuna vela por nós. Nas últimas semanas, os nossos batedores nativos têm estado a operar em segredo em Vectis, reunindo informações sobre o inimigo. Dizem-nos que os durotriges não possuem fortificações defensivas que se vejam. — Celer riu-se para si mesmo. — De facto, estão a construir, imagine-se, um forte numa colina, para passarem o inverno. Se agirmos imediatamente, poderemos tomar esse forte antes que os durotriges consigam concluir as suas defesas, desbaratar o inimigo e estar de regresso ao nosso campo antes que surjam as primeiras tempestades. — Olhou para os homens com um sorriso convencido. — A vantagem está toda do nosso lado. Teremos superioridade numérica. O inimigo não terá para onde escapar. Além disso, um esquadrão naval já se encontra numa posição que lhe permite intercetar quaisquer abastecimentos de simpatizantes inimigos ao longo da costa. Se não houver surpresas, Vectis cairá em nosso poder com facilidade. Claro que encontraremos os habituais ninhos de resistência, que será preciso esmagar. Assim que isso estiver feito, poderemos começar a dividir o saque.

A disposição no interior da tenda melhorou rapidamente ao ouvir a menção dos ganhos a obter com os despojos de guerra. Celer sabia bem que cada oficial poderia conseguir uma bela soma com a venda de nativos capturados, que seriam enviados para a Gália e vendidos como escravos, para lá dos tesouros de armas ricamente decoradas e das joias que a aristocracia nativa acumulava.

— Vamos desembarcar aqui. — Apontou com a vareta para uma extensão de terra na costa leste da ilha. — O inimigo não espera um ataque vindo de leste. Sob as minhas ordens, os nossos batedores passaram falsas informações aos durotriges. Eles acreditam que avançaremos pelo caminho mais óbvio, por

norte. — Apontou com a vareta ao centro da ilha, para um braço de mar que entrava por ela dentro, vindo da costa norte. — A parte leste de Vectis estará na sua maioria indefesa, exceto por uma presença pouco mais do que simbólica das forças inimigas.

Celer procurou um rosto no meio da assembleia e descansou o olhar num homem sentado na primeira fila. Este tinha uns brilhantes olhos azuis e um nariz aquilino, e envergava uma capa de fino tecido.

— Tribuno Palino.

— Senhor? — O homem levantou o olhar e pestanejou.

— Vais comandar a Quinta Coorte. Os teus homens serão os primeiros a desembarcar e tomarão o controlo da praia, para permitir a chegada da força principal. Achas que consegues tratar disso?

Palino inchou o peito, sem disfarçar o orgulho.

— Senhor, pode contar comigo. Não o desapontarei.

— Excelente. — Celer lançou-lhe um sorriso ligeiro, antes de virar o olhar para o resto dos homens. — Muito bem. Alguma questão?

Um centurião na parte de trás do grupo levantou a mão. Era um homem baixo, pálido, com cabelo escuro e encaracolado, e sem as cicatrizes que muitos dos seus camaradas ostentavam. Celer lançou-lhe um olhar frio.

— Sim, centurião Ocella?

— Senhor — começou Ocella com cautela. — Que força é que vamos enfrentar?

— Segundo os nossos espiões, no máximo algumas centenas de homens — ripostou Celer, sem dar grande importância à questão; não queria que a boa disposição geral esmorecesse. — O que é mais uma boa razão para avançar agora, antes que eles tenham ocasião de se entrincheirarem e reforçarem os seus números. Claro que eu preferia que atacássemos com uma força mais numerosa. Mas como todos vocês sabem, a legião está com um efetivo reduzido, depois dos embates recentes com o Carátaco. Algumas das vossas unidades estão com uma séria falta de pessoal. Receberão novos elementos de entre as reservas que chegaram de Gesoriacum há pouco. — O legado inclinou a cabeça na direção do prefeito. — O Silano tem estado a supervisionar o treino, e garante-me que os homens estão prontos para a batalha. Não é assim, Silano?

— Não podem estar mais prontos, senhor — replicou o prefeito, sobriamente.

— Exato. — Celer deu um rápido aceno com a cabeça. Passou a vareta ao ajudante e empertigou-se. — Senhores, a conquista de Vectis é vital, se queremos continuar o nosso avanço na próxima época de campanha. O general

Pláucio ordenou-nos que nos apossássemos do território que fica para lá da zona dos durotriges. Algumas das tribos dessa distante região já enviaram embaixadores a Calleva, a solicitar a paz. — O legado sorriu. — Ao que parece, a nossa estratégia de guerra total contra os durotriges abalou os seus vizinhos. O que calha bem, já que o Imperador quer ver esta terra selvagem pacificada, de forma que possa começar a pagar o que é devido. — A expressão do legado endureceu repentinamente. — Contudo, não podemos avançar para oeste enquanto a nossa cadeia de abastecimentos na retaguarda estiver exposta a ataques inimigos. Mais alguma questão?

Olhou em redor da tenda. Ninguém respondeu, e Celer anuiu, satisfeito.

— Ótimo.

Depois fez um gesto na direção de um oficial sentado a meio da primeira fila, junto ao tribuno Palino. Todos os olhos se viraram para um homem corpulento, quase obeso, de compleição escura, a qual traía as suas raízes do Sul de Itália.

— Na minha ausência, o tribuno sénior Aulo Vitélio vai assumir o comando do resto da Segunda Legião — anunciou Celer. — Alguns de vós já conhecem o tribuno, do início da invasão. Ele voltou à Segunda há pouco, depois de uns tempos em Roma. O prefeito Silano tem-no posto ao corrente dos assuntos da legião.

Vitélio lançou um sorriso lento ao legado.

— E eu, senhor, espero cumprir os meus deveres — disse, numa voz profunda, antes de se virar para os oficiais e os fixar num olhar gelado. — Roma tem os seus prazeres, é certo. Mas tenho de dizer que é bom estar de volta ao seio dos meus verdadeiros camaradas.

Celer forçou-se a sorrir.

— Estou certo de que o tribuno Vitélio será um excelente comandante interino para a legião.

Acenou rapidamente a Silano e dirigiu-se à aba de entrada da tenda. Os oficiais levantaram-se imediatamente e colocaram-se em sentido, enquanto o legado saía em passo rígido. Os seus ajudantes e Vitélio seguiram-no de perto. Assim que o legado e o seu séquito deixaram a tenda, Silano deu ordem de dispersar aos oficiais, não sem lhes dar um lembrete mal-humorado de que tinham de se dirigir aos escribas do legado para recolherem as ordens escritas, antes de regressarem para junto das suas unidades e informarem os homens das mesmas.

Os oficiais começaram a sair da tenda para a noite enregelada. Apesar de ainda não ser inverno, o tempo já tinha começado a piorar, num aviso sobre os

longos e cinzentos meses que se aproximavam. À medida que os oficiais iam dispersando para as suas acomodações, o centurião Ocella fungou, irritado.

— Maravilha — resmungou ao seu optio. — Uma maravilha do caralho.

— O que há, senhor?

Ocella deteve-se num repente e contemplou, furioso, o seu recém-nomeado adjunto. Era um homem de físico imponente, de ombros largos, com músculos bem marcados e uma cicatriz rosada por cima do olho direito. Com o cabelo desgrenhado e penugem na face, tinha o ar de um soldado competente mas anónimo, considerou Ocella. Contudo, para optio tinha pouco jeito. Era absolutamente inútil quanto à papelada quotidiana e aos deveres administrativos que eram exigidos a um oficial subalterno. Quem o tinha promovido ao posto de optio devia estar desesperado, decidiu Ocella, ou então doido varrido. E agora era ele que tinha de aturar o entroncado gaulês. O seu último optio morrera com uma infeção na perna, depois de um ferimento sofrido na batalha com o exército de Carátaco, e o legado tinha decidido impor-lhe aquele optio, o que era incomum, já que negava ao centurião o costumeiro direito de promover um candidato escolhido por si de entre as fileiras. E isso só fazia aumentar o desdém que ele sentia pelo homem à sua frente.

— Porra, Figulo, o que é que achas? — ripostou Ocella com altivez, enquanto se encolhia perante o vento fresco. — Esta missão. Com este tempo de merda e uma travessia marítima, é um risco de monta. E para quê? Para tratar de um ridículo bando de miseráveis numa ilha para lá do cu do mundo. — Murmurou uma maldição e afastou o olhar. — Entretanto, a Décima Quarta e a Nona Legiões vão ver ação a sério, lá para oeste e para norte. — Olhou novamente para o seu adjunto. — E aposto que por lá o saque deve ser bem melhor, também.

Horácio Figulo cerrou os lábios. Apesar das duras palavras do seu superior, Figulo avistou um indesmentível sinal de ansiedade nos olhos do centurião, e a voz tinha-lhe fraquejado de forma clara enquanto falava. Figulo era membro das legiões de Roma havia tempo suficiente para reconhecer em Ocella um soldado do tipo cerimonial, o género de oficial que preferia inspeções de equipamento e noites de bebida, jogo e putedo ao verdadeiro ofício de soldado, no campo de batalha. Figulo pressentia que, como era comum nesse tipo de comandantes, Ocella tinha uma necessidade de se afirmar a qualquer preço à frente dos seus camaradas.

O optio encolheu os ombros.

— Imagino que vamos ter maiores preocupações do que a quantidade de saque, senhor.

— Oh? — Ocella franziu um sobrolho. — O que é que queres dizer com isso?

Figulo coçou a barba.

— Os durotriges são os mais rijos guerreiros de toda a Britânia, senhor. Se houver muitos deles acampados em Vectis, não vão desistir sem dar luta a sério. Com fortes ou sem eles.

— E o que é que faz de ti um especialista em durotriges, hã? — Antes que Figulo pudesse responder, Ocella cofiou o queixo e acrescentou: — Bem, calculo que, sendo meio gaulês, sejas praticamente parente desses selvagens.

Figulo sentiu-se algo ofendido pelo insulto, mas engoliu a raiva. Embora o seu pai tivesse servido numa coorte auxiliar o tempo suficiente para obter a cidadania romana, Figulo sentia um orgulho tranquilo pelas suas raízes gaulesas. Tinha passado a infância na cidade de Lutécia, na sua Gália natal, o neto de um nobre éduo, antes de se juntar à Segunda Legião, quando fizera dezoito anos. Se alguém da legião se lembrava de o acusar de lealdade dividida, Figulo replicava rapidamente que se considerava mais romano do que muitos romanos. Mas, mesmo que a sua devoção aos seus camaradas nunca estivesse em questão, ele sabia que a realidade era bem mais complicada. Sentia a sua ascendência gaulesa bem presente no seu sangue, e mantinha a memória das suas raízes bem viva, e por isso aprendera a língua nativa, que era similar ao gaulês. Nas últimas semanas ali em Calleva, tinha-se tornado fluente no dialeto local. Alguns dos soldados provocavam-no ligeiramente, ou mandavam piadas sobre os seus antepassados gauleses; Ocella preferia lançar insultos pouco disfarçados. Figulo recusava-se a engolir o isco, pelo que respondeu com toda a educação.

— Não apenas isso, senhor. Combati-os. No verão passado. Sob o comando de Vespasiano. Expulsámo-los dos seus fortes nas colinas, um a um. E garanto-lhe que eles venderam cara a derrota. Mesmo as mulheres e os miúdos. Preferiam morrer a render-se.

— A sério? Ouviste o que disse o legado. O forte lá na ilha está inacabado, os abastecimentos foram-lhes cortados, e eles não estão a contar com um ataque vindo de leste. O que é que pode correr mal?

Sem responder, Figulo contemplou o terreno que descia até ao perímetro defensivo do forte, construído em madeira. Para lá dele ficava a povoação, Calleva, uma extensão de telhados de colmo visíveis sobre a muralha de terra. Depois da recente campanha, a Segunda Legião tinha regressado ao forte junto à cidade, e esta já estava a adaptar-se aos costumes romanos. Tinham sido abertas novas ruas num estilo romano, em grelha. Inúmeras tabernas e bordéis

ofereciam os seus serviços. Alguns dos aristocratas locais até já se vestiam à romana. Aos olhos de Figulo, o ritmo de mudança naquela parte da província era notável.

Ainda assim, sentia o peito apertado com a tensão. Olhou outra vez para Ocella.

— Gostava de poder concordar consigo, senhor. Mas lembre-se do que lhe digo. Conquistar Vectis vai ser bem mais difícil do que pensa...

*Ilha de Vectis, cinco dias depois*

Um grito em tom estridente trespassou o ar húmido, logo depois de uma flecha ter faiscado junto a Figulo e ir atingir no pescoço o soldado que o ladeava. O homem estremeceu e a cabeça saltou-lhe para trás, enquanto o sangue lhe jorrava da boca e ele tombava para a água, fazendo levantar um cachão.

— Formem na praia! — gritou Ocella aos seus homens, enquanto se adiantava a Figulo na chegada à margem. — Foda-se, formem imediatamente!

À medida que os soldados saltavam pela borda das galeras para as águas geladas que os aguardavam, viam-se imediatamente sob ataque dos arqueiros dispostos nas falésias de cré que ladeavam a estreita praia. As flechas choviam sobre os legionários num assobiar constante e letal. Alguns eram atingidos assim que entravam na água, e os cadáveres afundavam-se rapidamente, eriçados de hastes das setas cravadas em pescoços e troncos. Outros agarravam-se às feridas e arrastavam-se para terra com gestos frenéticos, rastejando sobre a areia enquanto a água rasa ganhava tons de vermelho.

Figulo avançou, deixando para trás os mortos e moribundos, com os músculos do pescoço tensos de fúria. O desembarque fora um desastre. Pela alvorada, as doze galeras tinham-se feito ao mar a partir da base naval de Noviomagus, e dirigido para a costa leste de Vectis, apinhadas de soldados. As quatro embarcações mais adiantadas haviam encalhado num banco de areia a curta distância da margem, e os homens a bordo tinham-se visto obrigados a saltar para a água e progredir pelo líquido gelado que lhes chegava quase ao pescoço. O resto da frota fora assim forçado a esperar ao largo, e os trierarcas acabaram por dar ordens para que os navios navegassem em torno dos que tinham encalhado, atrasando a chegada à praia do resto dos homens. Figulo olhou para trás e viu os soldados ainda apinhados nas galeras, obrigados a ficarem a ver os seus camaradas a tentarem chegar a terra enquanto eram chacinados.

Voltou a olhar para a frente enquanto os sobreviventes da Sexta Centúria chegavam a terra e se reuniam em torno de Ocella. A chuva ríspida embatia



nos capacetes com um ritmo marcado, e os homens viam-se sobrecarregados com armaduras, espadas e escudos. As túnicas de lã estavam ensopadas, o que ainda aumentava mais o peso que tinham de aguentar. Enquanto Figulo abria caminho na água pouco profunda, sentiu algo frio a roçar-lhe a perna rotunda. Olhou para baixo e viu sob a superfície os membros de um cadáver pálido. Várias flechas estavam espetadas no peito do homem, e os olhos mortos encontravam-se abertos, o rosto preso numa expressão de agonia silenciosa. Figulo usou o escudo para afastar o soldado morto para o lado, e apressou-se a seguir para terra, esquivando-se às flechas, enquanto as botas cardadas gemiam na areia molhada.

Na praia esperava-o uma cena de horror macabro. Para onde quer que olhasse havia soldados a retorcerem-se no solo, e as ondas levavam veios de sangue que deslizavam sobre a areia molhada. Homens já feridos eram novamente atingidos por setas enquanto se arrastavam para junto dos camaradas mais acima na praia. Presos ao solo pelos projéteis que choviam das falésias, os sobreviventes da primeira vaga de desembarque tinham sido incapazes de formar e fornecer um escudo eficaz para as tropas que acabavam de chegar a terra, alvejadas à vontade pelos arqueiros colocados no cimo das arribas. Apenas alguns soldados dispersos tinham conseguido formar na praia em forma de crescente. Enquanto as setas se cravavam na areia à sua volta com ruídos surdos, o optio sentiu uma fúria amarga a encher-lhe o coração. Mais uma vez, um bando desordenado de bretões tinha conseguido infligir numerosas baixas ao seu inimigo romano.

— Chega aqui! — gritou Ocella na sua direção enquanto a centúria formava uma linha desordenada, com os soldados a colocarem os escudos sobre as cabeças para se protegerem dos projéteis que continuavam a chover sobre eles. — Ainda hoje, optio Figulo!

Enquanto o optio corria, o ar pareceu tornar-se vivo com um furioso assobio, como se um vento maldoso trouxesse uma corrente de setas a viajar pelo céu escuro e a precipitar-se sobre os homens isolados da Quinta Coorte, provocando um coro de gritos de dor. Uma seta trespassou o braço de um homem mesmo à frente de Figulo. O legionário deixou escapar o escudo e ficou a contemplar a ponta aguçada que lhe irrompia da pele, enquanto caía de joelhos. O gaulês manejou o escudo para o colocar sobre a cabeça. Ouviu um estrondo metálico quando uma das setas embateu na bossa do escudo. Figulo tropeçou num corpo esparramado na areia e tombou pelo solo, aterrando de cabeça numa poça de sangue acumulado junto a outro soldado ferido. Pestanejou para se livrar das gotículas salgadas, levantou-se rapidamente e prosseguiu na

correria. Olhou para trás, por cima do ombro, quando um grupo de setas se cravou na areia a poucos passos das suas costas.

No momento seguinte colocava-se ao lado do seu centurião enquanto recuperava o fôlego. Ocella deitou-lhe um olhar pouco amistoso.

— Foda-se, o que é que te fez demorar tanto? — explodiu o oficial.

— Desculpe, senhor — resmungou Figulo. — Deixei cair o meu amuleto. — Ao reparar na expressão espantada do centurião, abriu o punho esquerdo, e revelou um medalhão de prata a representar Fortuna. — Quase o perdi nas ondas.

Ocella debateu-se para encontrar palavras.

— E quase te deixaste matar por causa disso? — Abanou a cabeça, desgostoso. — Cabrões de gauleses... esquece. Olha, não temos tempo. Estamos em plena merda. Aqueles arqueiros têm-nos bem presos, e a coorte está completamente esfrangalhada. A maior parte dos navios ainda está ao largo. Só a Quinta é que conseguiu desembarcar, mais um esquadrão de cavalaria, e não vamos ter apoio dos navios até que eles consigam rodear aquela maldita língua de areia.

Figulo seguiu o olhar do outro, que acenava para o mar. Um banco de nuvens baixas e escuras cobria as galeras encalhadas. Por trás delas, vários outros navios de guerra baloiçavam na ondulação pesada do largo. Por entre esses navios distinguiu o que trazia o legado, uma quinquerre com uma longa flâmula de cor púrpura a flutuar no mastro. Virou-se para o centurião e limpou a garganta, preocupado.

— Só os deuses sabem quando é que o Celer e o resto dos rapazes vão conseguir chegar a terra.

— Uma resistência simbólica — resmungou Ocella, em voz baixa. — Foi o que o legado nos prometeu. Olha à tua volta. Que raio tem isto de simbólico? — Apontou para os arqueiros no plano superior.

Figulo agarrou no escudo com força, enquanto passeava o olhar pela praia.

— Onde está o tribuno Palino? — berrou Ocella. — É suposto ser ele quem manda nisto.

— Além, senhor — respondeu um soldado à direita de Figulo. — O Palino levou a cavalaria por ali. — Apontou para um lugar onde o suave declive da praia conduzia a uma rampa de cascalho, por trás da qual se via uma arriba baixa mas íngreme. Na falésia existia uma série de recortes, ravinas de pequena dimensão marcadas por árvores, que davam diversas saídas naturais da praia. Esta era limitada por penhascos alterosos.

Ocella fungou, de narinas bem abertas.

— Porra, é típico do Palino, sempre a tentar dar espetáculo. Aquele idiota julga-se um novo César.

Nesse instante o ar explodiu com uma saraivada de estrondos e batiques provocados pelos dardos que tinham substituído as flechas. Um grito agudo propagou-se pelo ar húmido quando um dos projéteis rasgou a cota de malha de um legionário, ferindo-lhe a carne. Outro soldado na linha exterior da formação uivou de agonia quando um dardo se cravou na sua bota, por baixo do escudo. O sangue deu imediatamente cor à areia em redor do pé do homem. Ele largou o escudo e agachou-se para verificar a ferida. Um punhado de setas abateu-se sobre a praia, e uma delas mergulhou no pescoço do homem; este tombou à frente de Figulo com um grito abafado.

— Protejam-se! — rugiu Ocella aos seus homens. — EU DISSE PARA SE PROTEGEREM!

Os homens abrigaram-se por trás dos escudos, enquanto os projéteis continuavam a tombar sobre eles, saltando sobre as orlas dos escudos como se fossem enormes pedras de granizo a abaterem-se sobre um telhado. Depois Figulo ouviu um ligeiro assobio, que marcava a entrada em ação de fundibulários; a metralha atingiu os escudos com um estralejar ensurdecedor. Um grito ocasional denunciava que um dardo tinha atravessado um escudo e empalado o alvo, ou que um pedaço de metralha havia esmagado os ossos de um soldado. Mas em geral os escudos ofereciam aos legionários uma defesa sólida contra a frenética chuva de projéteis. Figulo sentiu o escudo a estremecer e escutou o estalo da madeira a ceder quando um dardo celta embateu contra ele, e a ponta atravessou a madeira, a poucos centímetros do seu rosto. Cerrou os dentes, enquanto os músculos do braço doíam da força que fazia para manter o escudo acima da cabeça. Estava encharcado em suor, apesar do tempo frio, e a tensão física e mental da batalha começava a fazer-se sentir.

— Aguentem a posição! — gritou Ocella. — Eles não podem manter esta barragem para sempre!

No instante seguinte a chuva de projéteis cessou abruptamente, e um silêncio de morte caiu sobre a praia. Só se ouvia o interminável sussurrar das ondas que iam e vinham sobre a areia, e os gemidos dos feridos. Figulo espreitou por cima da orla de metal do escudo para a falésia a norte, e viu os arqueiros a recuarem e desaparecerem de vista.

— Talvez o Palino os tenha afugentado — alvitrou Ocella. — Idiota caçador de glória. Como de costume, vai ficar com todo o crédito.

Figulo grunhiu enquanto arrancava o dardo que se tinha cravado no seu escudo.

— Uma pena. Logo agora que eu estava mortinho por me atirar àquela malta.

— Ou então não — fez notar um legionário perto dele, em tom sombrio.

Figulo deitou uma olhadela ao homem que tinha falado. Tinha uma cicatriz bem evidente que lhe corria pelo lado do rosto, e bochechas rosadas devidas a anos de sérias sessões de bebida. Tinha sido um dos primeiros homens a apresentar-se ao gaulês, depois de este ter sido transferido para a Sexta Centúria, poucas semanas antes. Tito Terêncio Rulo era um dos veteranos da Sexta.

— Há? — espantou-se Ocella. — O que é que queres dizer?

Rulo acenou na direção da mais larga das ravinas esculpidas na falésia. O centurião e o seu adjunto viraram de imediato os seus olhares naquela direção. Figulo notou algo a dirigir-se para eles, vindo da linha de arvoredo no cimo da ravina. À medida que o objeto se destacava da penumbra e descia a face da falésia, o gaulês percebeu que era um magnífico cavalo branco, a galopar furiosamente na direção deles. Depois reparou em mais uma coisa, e sentiu um arrepio de medo a percorrer-lhe a nuca.

— Merda — deixou escapar. — Senhor, aquele é o cavalo do tribuno Palino.

O cavalo aproximou-se, e empinou-se ao alcançar a base da encosta. Figulo e os outros viram o sangue que manchava os flancos do animal.

— Ao que parece, os sacanas trataram da saúde ao Palino — notou Rulo.

Um grito de guerra ameaçador soou de algures do meio das árvores no cimo da falésia. Nesse momento, uma longa linha de vultos musculados surgiu no topo da maior das ravinas, os seus corpos pintados bem visíveis. Cada guerreiro brandia uma longa espada que fazia embater repetidamente no escudo redondo que usava, num gesto de desafio. Alguns dos durotriges entoavam estranhos cânticos, a invocar os deuses nativos para que os ajudassem a esmagar o seu inimigo jurado. Um dos homens esticou uma lança na direção do céu, e Figulo sentiu o estômago a revoltar-se quando avistou a cabeça decepada do tribuno montada na ponta da lança. Então os cornos de guerra dos nativos lançaram o apelo para a batalha. As notas dissonantes fizeram um arrepio percorrer os corpos de Figulo e dos seus camaradas.

— Durotriges — disse Rulo. — Umas boas centenas deles, pelos vistos. Devem ter encurralado o Palino e os seus homens quando chegaram lá acima. Desgraçados. — Virou-se para o gaulês. — Ao que parece, senhor, o seu desejo vai poder realizar-se.

Figulo cerrou os dedos grossos em torno do punho da sua espada curta e sorriu aos bretões alinhados na crista, enquanto lançava um brado aos seus homens.

— Se estes cabrões querem luta, vieram ter com os homens certos!

Os selvagens gritos de guerra dos durotriges calaram-se abruptamente. Ao fim de uma curta pausa, os guerreiros começaram a descer em tropel, ao encontro da coorte reunida na praia, correndo pela erva alta que cobria a ravina em densos maciços, o cabelo cheio de cal a esvoaçar por trás dos ombros largos. Ocella engoliu o medo e virou-se rapidamente para se dirigir à sua centúria.

— Ora bem, rapazes, é agora! Espalhem-se! Formem uma linha de combate! JÁ!

Os legionários desfizeram de imediato a sólida formação defensiva e colocaram os escudos à sua frente num movimento fluido, enquanto Ocella se adiantava para tomar posição na linha da frente. Muitos dos soldados tinham abandonado os dardos na luta para chegarem a terra, e Figulo reuniu os que ainda tinham uma arma de arremesso e levou-os para a parte de trás da linha, de forma que pudessem lançar os projéteis por cima das cabeças dos camaradas. Nessa altura Ocella ordenou à primeira fila de homens que empunhasse as armas, e o ar encheu-se do som de metal a arranhar quando as espadas foram extraídas das bainhas. Ordens similares foram dadas ao longo da praia por outros centuriões, e os homens da Quinta Coorte prepararam-se para enfrentar os guerreiros que se lançavam sobre eles.

— Dardos... preparados! — gritou Figulo.

Os homens na retaguarda da centúria levantaram os projéteis e seguraram-nos horizontalmente sobre os ombros.

A grande massa escura de durotriges tinha chegado à base da arriba e corria agora pelo cascalho, a menos de cem passos de distância. A sua linha desenhava uma formação pouco rígida que cobria quase todo o comprimento da praia e, àquela distância, Figulo conseguia ver que alguns deles usavam cotas de malha por cima das túnicas. As barbas hirsutas eram visíveis sob os capacetes, e eles tinham padrões ondulados pintados na frente dos escudos. A maior parte dos inimigos apresentava-se de peito nu, e um punhado deles não usava mesmo qualquer peça de roupa, de forma a exprimir o seu desprezo pelo inimigo

romano. Alguns dos guerreiros brandiam lanças de guerra, mas a maior parte empunhava as longas e pesadas espadas que os celtas tanto apreciavam.

Os durotriges avançaram em massa pelo cascalho, com alguns homens adiantados em relação aos camaradas. Figulo viu a distância entre os romanos e o inimigo a diminuir rapidamente, e esperou pelo momento ideal para dar o sinal para que os homens lançassem os dardos contra os bretões que corriam contra eles. O momento tinha de ser perfeitamente escolhido. Se fossem lançados demasiado cedo, os projéteis cairiam antes que os alvos pretendidos estivessem ao seu alcance. Demasiado tarde, e os durotriges já estariam em cima da primeira fila antes que as pontas metálicas os mordessem. Mas os guerreiros estavam agora tão perto que Figulo conseguia distinguir os seus olhares desviados e as bocas abertas enquanto soltavam os seus gritos de guerra.

— Lançar dardos! — rugiu Ocella.

Os homens na retaguarda atiraram os seus projéteis em simultâneo contra os durotriges. Os dardos descreveram arcos no céu cinzento antes de mergulharem daí a poucos momentos entre os guerreiros a curta distância da centúria, e os longos cabos com pontas de ferro atravessaram facilmente os escudos redondos de fraca construção. A primeira linha de bretões foi derrubada como se tivesse escorregado em gelo. Alguns tombaram sem remissão. Outros tentaram prosseguir, agarrados às hastes que se tinham cravado nos seus peitos, antes de se verem afastados pela carga frenética dos guerreiros enfurecidos que os seguiam. Um bretão nu gemeu quando uma lança lhe mergulhou na virilha, e o sangue lhe espirrou pelas pernas e pés. Mas mesmo com o desaparecimento súbito de tantos durotriges, os guerreiros que os seguiam deram continuação ao ataque. Ocella esticou o braço com a espada em direção à horda inimiga.

— Em frente! — gritou.

A Sexta Centúria avançou em linha com o resto da coorte, cada centurião a aplicar rigidamente a tática que tão bem tinha servido Roma em inúmeras batalhas contra os seus inimigos bárbaros. O tilintar do aço contra o aço fez-se ouvir quando as duas forças se juntaram na refrega. Os legionários cobriam os troncos com os escudos, e dirigiam estocadas às gargantas dos inimigos, usando as espadas curtas da forma que tinham praticado interminavelmente nas batalhas fingidas dos treinos na parada. A combater ombro a ombro, com os escudos a formarem uma muralha sólida contra o inimigo, os homens respondiam aos guerreiros selvagens que os atacavam com golpes precisos, dirigidos às partes mais vulneráveis do corpo: o pescoço e a parte superior do peito. Pelo seu lado, os durotriges tentavam manejar as longas espadas, o que os obrigava a movimentos largos que lhes expunham os corpos aos romanos.

Figulo ordenou aos homens da segunda fila para prepararem as espadas, enquanto esperavam pela ocasião de assumir a posição de qualquer soldado que fosse abatido à sua frente, de forma a tapar rapidamente qualquer brecha na parede de escudos. Os homens tombavam a um ritmo alarmante. Os ordenanças do cirurgião corriam pela linha, acima e abaixo, extraindo os feridos graves e levando-os para o areal, a uma distância segura do combate. Os que não tinham hipótese de salvação eram arrastados para mais longe e deixados a contorcer-se em agonia na areia, enquanto sangravam até ao fim, agarrados às feridas, em tentativas vãs de estancar a perda de sangue.

Enquanto os legionários forçavam o avanço, alguém gritou um aviso, e uma nova vaga de projéteis precipitou-se da arriba que dava para o flanco direito da linha romana. Ouviu-se um grito de agonia quando um dos homens da centúria de Figulo caiu, a perna trespassada por uma seta.

— Fila de trás! Erguer escudos! — berrou Figulo, e os homens ao seu lado imediatamente levantaram os escudos de forma a criar um muro sólido sobre eles, para se protegerem e, em certa medida, protegerem também os homens da linha da frente. Alguns dos lançamentos inimigos caíram sobre os seus próprios guerreiros, que tombaram aos gritos enquanto os companheiros se lançavam mais uma vez contra a muralha de escudos romanos. Ao espreitar sobre o ombro do homem à sua frente, Figulo viu um durotrige a fazer girar a espada à sua frente e a avançar por uma brecha na linha. Foi abatido por um dos seus próprios dardos antes de poder atacar os legionários. Ocella, que tinha recuado da frente e empurrava apressadamente homens para irem tapar as brechas, virou-se para Figulo, horrorizado.

— Por que raio estão eles a lançar projéteis sobre nós? Não percebem que estão a atingir os seus próprios homens?

Figulo silvou, frustrado. Apesar do perigo para os seus próprios homens, as setas e dardos dos durotriges estavam a provocar muitas baixas aos romanos. Havia cada vez mais brechas a surgir na frente de combate, e a linha romana começava a vacilar. Graças ao simples peso dos números, depressa os guerreiros inimigos iam conseguir empurrar os romanos para o mar. Chamou a atenção de Ocella para os homens na arriba.

— Senhor, eles estão a massacrar-nos. Temos de sair desta praia.

Ocella abanou a cabeça. O suor corria-lhe pela face encarnada.

— As nossas ordens são claras. Temos de aguentar firmes até que as outras coortes possam desembarcar e reforçar a posição.

— Se não fizermos nada, não vai haver qualquer posição a manter.

— É aqui que combatemos, e até ao fim, se preciso for! — insistiu Ocella.

— Aqui! — Avançou um passo para o seu adjunto, e baixou a voz. — Se voltares a questionar a minha autoridade nesses modos, tens um castigo à espera.

Figulo mal conseguiu conter a fúria. A Sexta Centúria corria grave perigo, e o seu comandante, nas garras da indecisão e da ansiedade no calor da batalha, estava mais preocupado com a possibilidade de castigar um subordinado por achar que tinha sido desrespeitado. Ocella virou-lhe as costas com uma fungadela de desprezo. Ao fazê-lo, um pedaço de metralha lançado por um dos fundibulários inimigos embateu-lhe no capacete. O centurião cambaleou, soltou um grunhido, e os olhos reviraram-se, enquanto ele tombava para a areia. Figulo deitou uma olhadela ao oficial inconsciente. Havia sangue vivo a correr-lhe pelo rosto. Um ordenança ajoelhou-se ao lado do centurião e examinou-o rapidamente, antes de se virar para Figulo.

— Está desmaiado.

Figulo hesitou por momentos, e foi Rulo quem primeiro se pronunciou.

— Senhor, ao que parece está agora no comando.

— Muito bem, então. — Figulo anuiu, apertou com mais força a pega do escudo e preparou-se para tomar lugar na linha da frente e avançar contra os durotriges.

— Temos de nos livrar daqueles arqueiros, dê por onde der. — Rulo acenou para os homens feridos por setas, que jaziam no areal, nas costas da formação romana. — Pelo menos assim teríamos uma hipótese, foda-se.

Figulo hesitou, e pestanejou para afastar o suor e o sangue dos olhos.

— Como?

O veterano apontou para uma ravina lamacenta que entrava pela falésia que corria paralela à praia.

— Se conseguíssemos enviar um grupo pequeno por ali acima, podíamos dar a estes cabrões uma lição que tão depressa não iam esquecer.

Um sorriso de apreciação foi-se espalhando no rosto determinado do gaulês.

— Parece-me bem. Toma conta das coisas por aqui, Rulo. — Depois fez sinal aos cerca de trinta homens que se mantinham na segunda fila e apontou com a espada para a falésia. — Três secções da retaguarda! Comigo!

Com o sangue a rugir-lhe aos ouvidos, Figulo levou os legionários a rodear o flanco direito da centúria e correu pela praia acima, a caminho da falésia. Vários dos durotriges repararam no grupo de romanos que manobrava em torno deles e afastaram-se dos seus camaradas para tentarem cortar-lhes a passagem, atacando os soldados com as suas longas espadas. Figulo lançou o escudo contra um guerreiro que carregava sobre ele, e a bossa de ferro embateu com



um estrondo surdo no rosto do homem. À medida que os romanos atravessavam o cascalho e começavam a subir pela ravina, o gaulês sentiu os músculos das barrigas das pernas a pesarem com o esforço, e os pulmões a arder.

Meteu pelo íngreme declive e, ao alcançar o cimo, virou-se para o grupo de nativos que ocupavam a orla da arriba. A atenção destes estava presa ao combate que se desenrolava na praia, enquanto continuavam a atirar aos romanos setas, dardos, metralha e até pequenas rochas. Figulo sentiu a emoção a correr por ele enquanto se preparava para abater os bárbaros distraídos.

— Mantenham-se junto a mim! — ordenou aos homens. — Quando avançarmos, deem-lhes com força!

Os legionários já corriam pelo cimo da falésia quando um dos nativos olhou em redor e os avistou. Os olhos do homem abriram-se muito, em pânico, e ele voltou-se para os seus companheiros para os alertar sobre os soldados que carregavam. Os bretões viraram-se de imediato, e alguns ainda conseguiram lançar os dardos numa trajetória quase horizontal, mas Figulo e os seus homens já estavam em cima deles; ainda assim, o soldado à direita do optio soltou um gemido quando um dos projéteis lhe esmagou o joelho. No momento seguinte os romanos embateram contra os guerreiros nativos. Os bretões recorreram às armas de mão, um sortido inenarrável de machados e facas, praticamente inúteis contra os escudos largos e a armadura dos legionários. Passo a passo, Figulo e os seus homens forçaram o inimigo a recuar para a orla da escarpa.

Figulo espreitou por cima do escudo e avistou o brilho de uma lança a correr em direção ao seu pescoço, manejada por um bretão. O optio aparou o ataque com o escudo já danificado. O outro rosnou ao ver a sua arma a desviar-se na curva do escudo, afastando-se do alvo e abrindo o tronco a um contra-ataque. Figulo aproveitou a vantagem que lhe era oferecida, e atacou o peito do homem. Ouviu-se um som de esmagamento quando a ponta da lâmina rasgou a carne e raspou pelos ossos mais rijos. O homem largou a sua arma com um espasmo, enquanto Figulo puxava a espada para trás e o outro lhe caía aos pés.

Os durotriges que tinham sobrevivido à primeira investida viam-se agora encurralados entre os romanos e a face vertical da falésia. Figulo incitou os homens à sua volta para continuarem a empurrar os inimigos. À esquerda notou um bretão desnudo que se agarrava à orla superior do escudo de um legionário, num esforço para lho arrancar das mãos. Figulo rodou para enfrentar o homem, golpeando-o no pescoço antes que ele pudesse alcançar o aterrorizado legionário, ouvindo-se um ruído suave de esmagamento da lâmina a atingir os ossos da mandíbula do homem.

Com um último esforço, o pequeno grupo de romanos continuou a avançar,

e os durotriges que resistiam começaram a ver-se empurrados para a morte nas rochas da base da falésia. Alguns agarraram-se aos seus companheiros, acabando por os arrastar com eles. Um lançou as mãos à volta dos joelhos de um legionário quando se desequilibrou, e conseguiu arrastar o desesperado romano consigo para a morte. Só um punhado de homens conseguiu escapular-se pelo limite da falésia, mas depressa os romanos se lançaram no seu encalço, ansiosos por vingar os camaradas que tinham sido abatidos pelos projéteis que lhes haviam sido lançados do topo da falésia. Não seriam feitos prisioneiros naquele dia.

Quando o último dos elementos inimigos no cimo da arriba foi abatido, Figulo olhou em volta, de peito a arfar, enquanto avaliava a situação. Lá em baixo via dúzias de corpos contorcidos, esmagados contra as rochas. Prolongando o olhar para a praia, Figulo viu os homens da Quinta Coorte a avançarem, e sentiu alívio ao ver os nativos mais atrasados a virarem-se para fugir da zona de cascalho ensanguentado. Em poucos momentos os durotriges estavam em plena retirada desordenada pela praia acima, e os derradeiros guerreiros viraram as costas aos camaradas abatidos e fugiram para salvar as vidas.

Nas águas da enseada, um dos navios equipado com catapultas tinha conseguido manobrar em torno das galeras encalhadas. A trirreme avançou para a costa, os remos a subirem e descerem e a cortar as águas num ritmo contínuo. No convés os homens preparavam as catapultas para disparar sobre o inimigo em fuga. Figulo ouviu o urro distante de uma ordem, e vários estalidos bem sonoros chegaram-lhe aos ouvidos como se fossem chicotadas quando as catapultas soltaram as suas cargas de pedra, que descreveram arcos por cima da coorte e foram abater-se sobre os durotriges em fuga. As pedras arredondadas sem cuidado esmagaram crânios e espinhas como se fossem punhos gigantescos. Mais alguns inimigos foram derrubados por uma rajada final de projéteis com pontas metálicas, vinda das balistas montadas no convés da mesma galera. Os guerreiros sobreviventes conseguiram fugir da praia, com olhares aterrorizados sobre as costas antes de desaparecerem de vista, deixando atrás deles um cenário de carnificina. Alguns dos legionários fizeram menção de os perseguir, mas, com o peso da armadura, depressa desistiram, deixando-se ficar apoiados nos escudos, a recuperar o fôlego.

Figulo levou os seus homens pela orla da escarpa para enfrentar quaisquer inimigos que estivessem a fugir por ali, mas não encontraram ninguém. A batalha tinha terminado. À medida que o resto da Quinta Coorte emergia das ravinas, os soldados lançavam-se sobre os nativos que estavam demasiado feridos para poderem escapar. Não estavam com vontade de ter piedade dos inimigos derrotados com tanto custo, e matavam os durotriges onde os encontravam.

Figulo viu vários legionários a rodear um guerreiro nativo de joelhos. Os homens lançavam brados de alegria enquanto cravavam as espadas à vez no corpo do inimigo, um depois do outro. O guerreiro manteve-se direito, em desafio, até mesmo quando já se afogava no próprio sangue. Figulo debateu-se para não intervir, e afastou o olhar.

Corpos e equipamento abandonado cobriam a praia. Ficou surpreendido ao verificar como pareciam magros muitos dos bretões mortos. Para onde quer que olhasse, avistava costelas salientes e rostos macilentos. Emoções em conflito debatiam-se no seu íntimo — como acontecia sempre nos momentos horrendos depois de uma batalha. Como soldado ao serviço do Imperador, Figulo tinha clara consciência do facto de que os guerreiros que matava em batalha eram celtas. Tal como os seus antepassados.

— Foi um banho de sangue, senhor — disse Rulo ao deter-se junto a ele, os olhos cinzentos e mortiços a contemplarem a praia lá em baixo. — Nunca vi uma coisa assim. Eles limitavam-se a atirar-se contra nós. Alguns não tinham nada a não ser os punhos nus.

— É difícil entender até onde chega o ódio desta gente a Roma — ripostou Figulo.

Calou-se por momentos, e depois lembrou-se de uma coisa e olhou para a falésia.

— Onde está o centurião? — perguntou, percorrendo com o olhar as linhas de homens.

Rulo inclinou a cabeça na direcção do grupo de feridos que estavam a receber cuidados na praia.

— Lá em baixo com os outros feridos, senhor. Ao que parece, não vai acordar tão cedo. — Hesitou em prosseguir, e olhou para um lado e outro para ter a certeza de que ninguém o escutava. Depois inclinou-se para Figulo e baixou a voz. — Um conselho de amigo, senhor. Será melhor ter cuidado ao pé do centurião. O Ocella foi em tempos oficial na Guarda Pretoriana, antes de ser transferido para a Sexta.

— Porque é que ele deixou um posto tão acolhedor na Guarda para vir para a Britânia?

Rulo encolheu os ombros.

— Talvez não tenha sido por escolha própria. Talvez seja essa a razão para nos tratar desta maneira. — Sugou o ar por entre os dentes e juntou um comentário. — O penúltimo homem que esteve na sua posição não durou muito. Foi enviado de volta a Gesoriacum para treinar recrutas. Acredite em mim, senhor. O Ocella não é um tipo que se queira contrariar.

O céu sobre Vectis ganhava tons de púrpura quando as últimas galeras approaram na praia, e o mar rebrilhava como se sobre ele dançassem milhares de pontas de espadas refulgentes, enquanto a luz morria. Os céus tinham ficado limpos enquanto os marinheiros descarregavam os abastecimentos que alimentariam e equipariam o exército. Ao longo de toda a tarde, as equipagens haviam laborado para arrancar as trirremes do banco de areia onde tinham encalhado. Imersos até ao peito na água gelada, os homens puxavam pelos cabos amarrados à proa de cada um dos navios, arrastando estes sobre a areia e recolocando-os a flutuar, um a um. Enquanto as trirremes eram libertadas, o resto da esquadra foi-se dirigindo cautelosamente para a praia à medida que o dia ia correndo.

Homens de cada uma das centúrias da Quinta Coorte foram destacados para executar a penosa tarefa de limpar a praia de cadáveres. Foram tomando nota do nome de cada um dos legionários mortos, em tábuas enceradas que seriam depois entregues aos centuriões, que fariam as contas finais das baixas. Os feridos receberam tratamento na areia, enquanto um hospital de campanha era montado no campo que estava a ser construído mais no interior, mas perto da praia. Os mortos foram reunidos e colocados em fila, prontos para a pira que ia ser construída para cremar os corpos depois de se ter reunido lenha suficiente. Cada cadáver foi despojado de armadura, armas e botas. Esses artigos foram depois enviados para as instalações do intendente, para serem reparados e disponibilizados aos armazéns, prontos a serem usados assim que fossem necessários.

Por ordens do legado, os durotriges foram empilhados na base de uma das arribas e ali deixados a apodrecer, como lembrança do preço que pagavam os que desafiavam Roma. As armas e equipamento também lhes foram removidos, de forma a não caírem nas mãos de salteadores, que depois os poderiam vender aos inimigos de Roma.

Com a sua força em terra, o legado despachou batedores montados para

procurarem sinais do inimigo no interior da ilha, enquanto as coortes por fim deixaram a costa e ultrapassaram a falésia, com a memória do combate na praia bem marcada nas mentes. Os homens fatigados limparam a vegetação dispersa no terreno por trás da margem e dedicaram-se à árdua tarefa de construir um campo de marcha em face do inimigo. Primeiro escavaram, com as ferramentas de que dispunham, um fosso externo com perto de quatro metros de profundidade. Depois amontoaram a terra retirada do fosso para formar uma muralha de três metros de altura. No cimo desta foram colocadas aceradas estacas de madeira, amarradas com tiras de couro, desenhadas para servir de estrepes gigantes em caso de assalto inimigo.

Assim que as linhas defensivas ficaram terminadas, os homens lançaram-se a nova tarefa, dispondo as linhas de tendas no terreno. Por fim, com a legião e as suas bagagens em segurança no interior do campo, os soldados trataram de encher as barrigas vazias com rações de porco salgado aquecido e papa de cevada. À medida que a noite caía, os homens iam-se retirando para as suas acomodações, tendas de pele de cabra onde pernoitavam oito soldados. Sentados em torno de fogueiras para se aquecerem e secarem as roupas húmidas, trocavam piadas obscenas, jogavam aos dados, e tentavam afastar da mente as terríveis lembranças da batalha. Os homens que estavam de faxina receberam ainda a árdua tarefa de cortar lenha na orla de uma floresta próxima, para construir a pira funerária para os camaradas caídos.

Assim que Figulo concluiu os seus deveres do dia, juntou-se a Rulo e à sua secção junto à fogueira, a aquecer as mãos. Tinha ido ver o cirurgião da Segunda para saber se Ocella estava a recuperar, mas o centurião continuava a delirar, a falar de forma incoerente, a cabeça a rolar de um lado para o outro, deitado numa fina enxerga sobre o solo. Figulo tinha tido esperança de que o homem tivesse recuperado o juízo, o suficiente para retomar o comando da Sexta Centúria e permitir ao *optio* regressar às suas responsabilidades menos onerosas. Mas da maneira como as coisas se apresentavam, parecia que Figulo ia ter de assumir o comando pelo menos nos dias que se avizinhavam — situação de que se ressentia, já que se considerava no fundo um soldado comum, e apreciava a camaradagem com os seus colegas das fileiras. Mas pelo menos durante alguns dias ia ser poupado à exigência do centurião. Ocella era um oficial eficiente, que se orgulhava do aspeto e da apresentação dos seus homens. Qualquer sinal de atraso recebia em resposta um olhar gélido e um castigo duro. A vida sob Ocella era particularmente difícil para Figulo, já que o centurião não deixava de explorar sem piedade o mais pequeno erro que ele cometesse, ralhando-lhe por causa de um grão de poeira na polida fivela do

cinto, durante uma das frequentes inspeções, ou pelo menor dos erros nos seus registos. Em privado, Figulo suspeitava que Ocella se ressentia com a sua presença devido à sua muito maior experiência de combate. Talvez Ocella o visse como uma ameaça à sua autoridade. Com um peso no peito, Figulo percebeu que, a não ser que conseguisse resolver as suas diferenças com o centurião, os seus dias na Sexta Centúria estavam contados.

Rulo e os outros legionários encontravam-se em redor da fogueira, em silêncio, com os rostos iluminados pelo brilho das chamas. Figulo notava bem o cansaço atordoado nos seus semblantes, e decidiu fazer qualquer coisa para os animar.

— Ora bem — lançou, com um sorriso forçado. — Quem quer ver um truque mágico?

Rulo revirou os olhos.

— Deuses. Cá vamos nós! Outro truque de merda...

Figulo virou-se para ele e piscou o olho.

— Este funciona mesmo. Aprendi-o com um mercador cilício, em Rutupiae. — Olhou para os rostos dos homens em torno da fogueira. — Só preciso de um voluntário.

— Ou de um idiota, mais precisamente. — Rulo riu-se.

— Eu apresento-me, senhor — ofereceu-se o legionário sentado em frente a Figulo.

Figulo avaliou o homem, magro e de ar quase juvenil. Gaio Árrio Helva era um dos novos recrutas que tinham sido colocados na Sexta Centúria na véspera de deixarem Calleva. Tinha aquela mistura de ingenuidade e convencimento comum aos novos recrutas durante um curto período depois da chegada à Britânia — antes de o brutal conflito com o inimigo os transformar em veteranos endurecidos pela batalha, mal podendo esperar por deixar aquela região. No curto período que Figulo tinha tido com a Sexta Centúria, mal começara a conhecer Helva; mas havia qualquer coisa no novo recruta que achava encorajador. Estava ansioso por provar o seu valor aos camaradas, e o entusiasmo que mostrava pela vida militar contrastava claramente com o ar cínico e fatigado de muitos dos outros soldados.

Figulo pegou numa moeda da sua bolsa.

— Ora bem, miúdo. Dá cá a palma da mão.

Helva obedeceu e esticou a mão para o *optio*, com a palma para cima. Figulo colocou a sua mão por cima da do legionário, com a palma para baixo, e mostrou a moeda, apresentando-a a cada um dos homens em volta da fogueira antes de a colocar firmemente por cima da sua mão.

— Agora — começou —, podem ver claramente que esta moeda está aqui em cima da minha mão, sim? — Os homens anuíram. — Bom, e se eu te dissesse que consigo fazer esta moeda atravessar a minha mão e ficar em cima da tua palma? — Olhava para Helva enquanto falava. O legionário olhava para ele com um ar descrente, de olhos arregalados.

— Através da sua mão? — repetiu. — Essa moeda? Não pode ser. Só os deuses são capazes de tais coisas.

— Deuses... e vendedores de banha da cobra — resmungou Rulo. — Quatro sestércios em como não resulta.

— Aceite! — respondeu Figulo, entusiasmado.

Contou até três. Depois, com a mão livre bem levantada acima da cabeça, entoou as palavras que o cilício lhe tinha ensinado, e fê-la descer sobre a que cobria a mão de Helva. Esperou um momento. Helva inclinou-se, expectante, enquanto Figulo levantava lentamente a mão da palma do legionário. Até Rulo, apesar do seu óbvio ceticismo, esticou o pescoço para ver melhor.

— Vazia! — declarou Rulo, batendo com a mão na perna. — Eu sabia! — Esfregou as mãos com gozo. — Senhor, deve-me quatro sestércios.

— Que caralho! — Figulo franziu o rosto. — Mas... não percebo. Fiz precisamente o que o mercador me disse para fazer. Entoei as palavras mágicas e tudo, como ele disse.

— Toca a pagar, gaulês — retorquiu Rulo, na brincadeira.

Enquanto amaldiçoava a sua sorte, Figulo meteu os dedos na bolsa e retirou quatro moedas. Não lhe dava jeito nenhum perder aquele dinheiro, já que tinha conseguido estourar a maior parte das suas modestas poupanças aos dados. Descobrira que tinha uma necessidade inexplicável de continuar a jogar. De cada vez que perdia, ia-se embora maldisposto, a jurar a Júpiter que nunca mais voltaria a apostar nos dados. Porém, no dia seguinte dava por si invariavelmente de volta a uma mesa, no canto mais escuro de alguma taberna de duvidosa categoria, a apostar mais uma parte do seu salário tão difícil de conseguir. Havia ainda poucos dias que tinha perdido todo o salário de um mês aos dados em Calleva, depois de perder vinte lances de seguida. Um resultado que o tinha levado a suspeitar fortemente de que o seu astuto opositor era capaz de ter estado a fazer batota.

— Optio Horácio Figulo? — indagou uma voz.

Figulo rodou, e avistou um homem a avançar pelo meio das linhas de tendas. Pela pluma no capacete, Figulo identificou-o como um dos guardas pessoais do legado. O homem olhou diretamente para Figulo enquanto falava. Tinha notado a vareta, sinal da patente de optio, no chão ao seu lado.

— Sou eu — respondeu.

O guarda anuiu.

— O legado deseja falar consigo.

— Agora? — Figulo notou que Helva e Rulo trocavam olhares de surpresa sob a fraca luz da fogueira. — Para quê?

O rosto do guarda nada revelava.

— Imediatamente, se não se importa, senhor. O legado é um homem ocupado. — Fez um gesto para que Figulo o seguisse e marchou imediatamente pela larga via que levava ao centro do campo.

O que poderia o legado querer dele àquela hora tardia?, perguntou-se Figulo enquanto seguia o guarda ao longo das casernas e dos armazéns de cereal. No exterior das tendas do hospital de campanha avistou um pequeno grupo de corpos envoltos em panos. Pouco depois chegaram ao quartel-general do legado, uma grande tenda erigida na interseção das duas vias principais que cruzavam todo o campo. Um par de guardas estava de sentinela no exterior, e os estandartes militares da legião encontravam-se apoiados em suportes dos dois lados. O soldado que escoltava Figulo aproximou-se das abas abertas da tenda, e os dois guardas acenaram ao camarada e deram-lhe passagem.

— Entre, senhor. O legado espera-o — disse o guarda, em tom neutro.

O doce aroma do vinho aquecido encheu-lhe as narinas assim que entrou. Na tenda, o ar estava agradavelmente aquecido. Nos quatro cantos, braseiros aqueciam os aposentos, combatendo o horrível tempo britânico. Junto a um deles estava uma mesa baixa com uma bandeja com uma bela pilha de carnes frias, e um jarro de cobre repleto de vinho, colocado num suporte que o mantinha sobre uma lamparina. Do recipiente elevavam-se finos rolos de vapor. A meio da tenda via-se uma grande mesa de campanha, rodeada por meia dúzia de bancos acolchoados. O legado Celer estava sentado à mesa, as sobancelhas pesadamente enrugadas em concentração, enquanto lia uma tábua encerada colocada à sua frente. Figulo deixou-se estar em sentido à frente do legado por momentos, enquanto apreciava o ambiente luxuoso da tenda. Era um mundo completamente à parte dos arranjos do soldado comum, e o gaulês sentiu-se completamente fora do seu ambiente.

Por fim, Celer levantou o olhar. Figulo fez uma continência rígida. O legado fitou-o com os seus frios olhos azuis.

— À vontade, optio.

O legado tinha um ar de superioridade convencida, característica da maior parte dos aristocratas romanos, uma confiança que se aproximava da arrogância. Figulo já tinha visto homens daquele género, que ocupavam os postos mais



elevados de entre os tribunos; filhos de ricos aristocratas, despachados para a Britânia para cumprir o serviço militar durante um par de anos antes de regressarem a Roma para prosseguir uma carreira lucrativa em cargos públicos. Alguns desses homens pouco interesse tinham nos assuntos militares, e mostravam uma alarmante falta de preocupação com a estabilidade da província a longo prazo. Só se interessavam por saber de onde viria a sua próxima taça de falerniano e em escutar as últimas coscuvilhices trocadas nos banhos e teatros de Roma. Figulo temia que fosse um homem desse género quem estava encarregue da mais notável legião de Roma.

— Figulo, não é? — indagou Celer.

— Sim, senhor.

— Pelo que vejo nos teus registos, és meio gaulês. Os meus amigos no palácio imperial dizem-me que está a ser autorizada a ascensão da tua gente ao Senado em Roma. Imagine-se! Gauleses a debaterem política. O mundo está doído.

Figulo manteve os lábios cerrados e deixou-se estar muito quieto, enquanto Celer olhava novamente para a tábua sobre a sua mesa.

— A Sexta Centúria foi o orgulho da legião na praia, hoje. Segundo todos os relatórios, a Quinta Coorte teria sido arrasada por aqueles malditos bretões se não fosse a carga da Sexta pela arriba acima.

Figulo mudou o pé de apoio, sem saber se o legado esperava uma resposta sua. Ao fim de um momento de silêncio, Celer prosseguiu.

— Ao que sei, o teu centurião foi ferido.

Figulo assentiu.

— Recebeu uma pancada na cabeça, senhor. Está de cama no hospital de campanha. O médico acha que ele vai estar fino e de pé daqui a um dia ou dois.

— Esta legião tem perdido demasiados oficiais nos últimos tempos — fez notar Celer, com amargura. — Mas a realidade é que o Ocella não está cá, e, como seu subordinado, és o seguinte na cadeia de comando. Revelaste um admirável espírito de iniciativa na praia, uma qualidade que vai voltar a ser necessária para esta nova tarefa.

Figulo franziu o sobrolho.

— Que tarefa, senhor?

Celer cofiou o queixo, calmamente. Tinha o dom dos políticos, de ser capaz de responder a uma questão completamente diferente da que lhe tinha sido colocada.

— É verdade que um dos últimos atos do meu antecessor foi o de te perdoar por uma acusação de deserção? — Figulo imobilizou-se, horrorizado, mas

Celer prosseguiu antes que ele pudesse responder. — Isto para não dizer que o legado também te retirou acusações de ajudar e apoiar a fuga de soldados condenados. — Fez uma pausa, a olhar para Figulo com os seus frios olhos azuis. — São acusações muito sérias. Que implicam um castigo severo.

Deixou a ameaça a pairar no ar quente. Figulo sentiu o estômago aos nós.

— Senhor, estava apenas a tentar fazer o que era correto. Um oficial que eu respeito e uma série de rapazes tinham sido condenados à morte por dizi-mação; era um erro. Não podia ficar especado a vê-los serem executados. Não teria sido correto.

— Sim, sim — retorquiu Celer, impaciente. — Conheço perfeitamente os pormenores. Está tudo aqui neste relatório. Tal como a razão em que se baseou o perdão. Ao que parece, desempenhaste um papel vital na derrota do Carátaco.

O optio encolheu os ombros.

— Fiz o meu dever, senhor.

Celer afastou a tábua e debruçou-se sobre a secretária.

— Figulo, podes pensar que vais conseguir viver à custa das glórias do passado neste exército, mas eu estou-me a borrar para o que quer que tenhas feito nos tempos do Vespasiano. Esta legião é minha, agora. E é a mim que vais ter de provar o teu valor. Entendido?

— Sim, senhor — ripostou Figulo, por entre dentes quase cerrados.

— Agrada-me ouvi-lo. — Celer deixou escapar um breve sorriso. — Agora, a missão. Como sabes graças à reunião de ontem, o nosso objetivo aqui em Vectis é o de pôr fim à ténue resistência dos durotriges. Depois de amanhã, assim que o resto da cavalaria chegar, retomaremos a nossa marcha para oeste e atacaremos o forte que o inimigo tem em curso de construção. Duvido que o assalto apresente grandes dificuldades aos homens. Por mim, acho incompreensível que estes brutos continuem a colocar tanta fé nas suas primitivas instalações defensivas.

Figulo mordeu a língua. Era uma ideia muito difundida entre os homens acabados de chegar à Segunda Legião que os fortes dos durotriges tinham sido facilmente conquistados. Contudo, o gaulês sabia da realidade. A Segunda Legião combatiera arduamente para tomar os fortes, e se não fosse a liderança de Vespasiano e os esforços resolutos dos soldados, as posições defensivas poderiam muito bem ainda estar em mãos inimigas. Só um tolo podia acreditar que os durotriges tinham sido fáceis de conquistar. Observou cuidadosamente Celer enquanto este pegava no cálice de prata meio cheio de vinho, o levantava da mesa, e bebia um trago. O legado pousou a taça e limpou delicadamente os lábios nas costas do dedo.

— Optio, não te iludas, tenciono esmagar todos os pontos de resistência em Vectis.

— Sim, senhor.

— Contudo, há um problema. — Celer deixou escapar longamente o ar dos pulmões. — Recebemos informações de que na ilha estão a ser mantidos alguns prisioneiros romanos. Foram capturados há alguns meses. Estão presos não muito longe daqui. O nosso batedor nativo, o Magadubnus, soube do seu tormento. Segundo o que ele nos disse, o chefe durotrige que tem os prisioneiros em seu poder quer fazer um acordo connosco. — Um sorriso torceu-lhe os cantos dos lábios. — As vidas deles em troca de alimentos.

— Alimentos, senhor? — espantou-se Figulo. — Ele não quer prata?

O legado anuiu.

— Pois. Patético, não achas? Mas compreensível. Cortámos as suas linhas de abastecimento, e os habitantes da ilha não conseguem alimentar o seu próprio povo e os refugiados do território ao mesmo tempo. — Celer recostou-se na cadeira e sorriu. — Portanto, o chefe durotrige oferece-nos um negócio. E tu, Figulo, com um pequeno grupo dos teus homens, vais fazer essa troca.